

A CABRA

Director, Proprietario e Editor

Ascanio Pessoa

Redacção e Administração

Montes Claros

Typ. Minerva Central — Coimbra



Preço legal em todo o paiz, 20 réis

ULTIMO ADEUS

Vae rolar a pedra sobre o tumulo que ha-de encerrar o cadaver da dilecta filha do rei Lavrador.

Não quiz o cutello da morte poupar essa dama que, a despeito da sua vetusta idade, possuia ainda o tom bronzaceo-argenteo da sua meliflua voz, que diariamente se ia repercutir junto das nossas bancas de estudo, nas velhas folhas dos nossos carunchosos calhamaços.

Quando as candeias chorarem nos lares as suas primeiras lagrimas de luz, estará certamente posto em ordem o funebre cortejo que ha-de acompanhar á ultima morada os restos mortaes da que em vida foi D. Cabra.

E nós seriamos ingratos, conhecidos que são os laços que nos prendiam á gentil dama, se não fossemos derramar lagrimas de saudade sobre a campa que ha-de guardar eternamente as cinzas d'essa morta querida de tantas gerações e não viessemos aqui dizer o nosso ultimo adeus. As palavras tropeçam na pena, a comoção não nos deixa expandir, e por isso adeus, Cabra amiga. Adeus, e lá d'esse ceu de mudez a que o ministro se dignou levar-te, vela por nós.

Oh! tu que foste em vida a terna mãe das colicas, não nos esqueças, pela memoria de teus avós.

Se um dia, ó Cabra, nos vires afflictos, faze derreter o teu velho bronze, converte-o em... em guines e vem livrar-nos de apertos. Amen.

M.

PEDIDO

A's damas e cavalheiros, especialmente ás damas, moradores nas ruas por onde deve passar o funebre cortejo, pedimos a fineza de illuminar os frontispicios dos seus predios e bem assim de pôr ás janellas as assás respeitaveis colchas de pape.

FALLECEU

D. Diniz (ausente), D. Sebastião de Carvalho e Mello (ausente), e Abel d'Andrade, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que foi Antonio José d'Almeida, servido de levar para a mansão d'um democratico silencio, a sua nunca esquecida, amiga e chorada bisneta, neta e filha Cabra, cujo enterro se realizará na quinta feira, dia 17, pelas 7 horas da noite, saindo o prestito funebre da Porta Ferrea.

Á CABRA

Nunca mais cuvirei teu som funerio
Perder se em vibrações pelas alturas,
Nem os teus ais d'erraticas negruras
Mais negro tornarão este hemispherio.

Teu dobre funeral, n'um cemiterio
Faria estremecer as sepulturas
Na vida o que és tu? As desventuras
Firmaram no teu dobre o seu imperio.

Agora, pobre velha abandonada
Não verás que uma ideia abençoada
Te colloque a tanger n'um campanario.

Talvez teu corpo ao fogo d'um brazeiro
Vá passar pelas mãos d'um caldeireiro
E assim findará o teu Calvario...

ALBERTO MORAES.

O testamento da Cabra

Saibam todos quantos este virem que aos 2 do mez de novembro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo e n'esta cidade de Coimbra determinei que a disposição da minha ultima vontade fosse a que se segue e quero que se cumpra.

Antes de mais nada tenho a declarar, sentindo a morte perto, que fui sempre creada na santissima religião, em companhia do Berardo que não gosta de vinho, e que nessa mesma religião quero morrer, para ir direitinha ao reino da gloria. E depois d'isto faço a distribuição do que pesuo, esperando dever a todos o favor de me desculparem a ninharia e a boa vontade. Aos mais nobres escriptores da cidade, aos meus ricos Barnabé, Bebe-Agua e Bamba offereço o nicho da torre da Universidade para inspirarem as suas obras primas. Ao

interessante e impagavel mestre de cerimonias, o neurasthenico e aflautado secretario, que tanto *cuidado recomendou* para as gargantas do proximo, quando da visita do seu Senhor e que tão entusiasticamente victoriou a Republica, deixo a corda que me prendia ás argolas para a aproveitar no dia em que reconhecer não ser compativel com este mundo de mortaes,—com a certeza de ninguem o tomar a serio, e ao Paixão Pinta a Pera, inclito talhador de albardas d'esta nobre terra a esmola de todas as pragas que os cabulas me rogavam a comprensar os cães que os vultos proeminentes das gerações lhe deixaram para sempre escriptos no seu livro de calotes; ao Zé Gomes lego todo o bronze que me encontrarem para dobrões destinados ao nivelamento social e ao ex.^{mo} Conha das contradanças, um canivete para aparar os calos. Deixo mais ao Mesquita alfarrabista 5 folhas de Diccionario, 3 de uma zoologia da 4.^a classe e dois raros tomos de celebre policia amator para a sua importante colleção e ao sôr Telles da bota grande umas collossaes esporas para o primeiro cavalleiro que lhe apparecer. Ao flautista do Café Central deixarei a lembrança dos sons harmoniosos que durante tantos annos me não esqueci de badalar para gaudio dos mestres e *chatices* dos batoiteiros que tinham as faltas todas, o badalo ficará á escolha d'aquelle que mais geito tiver para lhe tocar ou supportar, porque só raros saberão o que elle pesa. Muitos se me não desapegam da memoria mas mais não dou porque não tenho. Seguem as testemunhas srs. Paulin Santos, Corte Real irresistivel das damas, Mesquita Tailleur, servindo de testamenteiro.

Sansão

Autopsia da Cabra

Os quintanistas de medicina que fizeram a autopsia da Cabra, não nos participaram o seu resultado. Informa-nos, porem, o Menano mais novo, de que ella tinha no buxo o livro do Dr. Assiz, na bexiga o livro de finanzas do velho Dr. Jardim, no coração os quatro volumes de legislação fiscal; tinha um pulmão afectado, com uma sebenta, ou padecia d'uma sebentite pulmonar; no intestino delgado e grosso não tinha nada, por lhe terem dado, horas antes de morrer, um clister.

Genealogia da Cabra

A cabra enterra-se hoje; neste dia tragico e solemne, é justo que evocemos a sua nobre ascendencia.

Para isso, encarregámos o conhecido genealogista sr. Eugenio de Castro, que gentilmente se prestou a dar-nos os esclarecimentos precisos, que o mimoso poeta antiquario sr. Antonio de Monfoi-se redigiu e completou.

“O mais antigo ascendente da Cabra é o sr. Sal, digno gerente dos Armazens do Chiado; assim o afirma D. Diniz nas suas *Rimas d'amor*. A linha genealogica da cabra perde-se por algum tempo, até que da união ilicita do Araujo dos Calos com Arnaldo Forte, nasceu o França Amado, que na India lançou as *vazes* dum novo imperio colonial.

Pouco depois a celebridade desta ascendencia vai ao auge, com D. Alberto Monsarás, a quem o pai talhava para ministro do rei Mancel o Venturoso. Como entretanto fallecesse o rei, D. Alberto concorreu a uma das cadeiras da Universidade aberta pela reforma de D. João 3.º. Apesar de Gayo *Queizoso* muito patrocinar esta petenção, não o admittiu o reitor, alegando que D. Alberto era de aristocracia vinicola.

O Padre Antonio Vieira, deixou de sua viuva Maria Antonia, uma creança do sexo masculino, que representou o velho *tronco retorcido* da Cabra. Mas destrocendo um dos ramos, vimos a encontrar a descendencia em Reis *Torgul* da casa da Barroca.

Deste nasceram varios filhos, um dos quaes teve *bóssa* para Palma Mira.

Aqui o sr. Eugenio quedou-se silencioso; e valeu-nos a interferencia graciosa do sr. Monfoi-se, esclarecendo.

— O Raposo tambem é da geração! E o Veiga é que é agora a *Geração Nova*.

De novo o sr. Eugenio retomou a palavra para nos indicar muito em segredo que estudando melhor os seus avós, num livro que vai publicar, concluiu sem peias que elle representava hoje a descendencia da Cabra por via de seu 4.º avô, D. Francisco Antonio que foi bispo *in-partibus*.

Côrões

Sobre o catafalco foram depostas as seguintes:

— De fitas azues e brancas. *A' cabra: Dr. Provisorio.*

— De casemira inglesa, com bolsos no peito, e fôrro de setim. *A' generosa Cabra: Mesquita & Vasconcellos.*

— Cór de botão de rosa: *A' uma crédora: Joel.*

— De figo passado, com moedas de cinco tostões á volta, e este simples letreiro: *Maria Marrafa.*

— De perpetuas roxas e commenda de Christo: *A' Cabra, ao babalo dos lentes: Conde de Monsaraz.*

— De riscado. *A' Cabra, recordação de ganhos em commum: Barnabé.*

— *A' Cabra: Num dá ná? Bebe A'.*
— De Sardinha de caldeirada. *A' Cabra, lembrança de calderadas na Lapa dos Esteios. Almirante Rato.*
— Um bouquet. *A' Cabra. Arre caloteiro. Julia da Rua da Nogueira.*

NA MORTE DA CABRA

Nem uma lagrima deito
Em tão infausto successo.
Fiquei até satisfeito
Com esta morte, confesso.

Satisfeito, porque a Cabra
Era um symbolo cruel
De legendarias asneiras
Na terra do bacharel.

Satisfeito porque a Cabra
Com seu balar já rachado
Era a treva triumphante
Nas barbacans do Passado.

Se tinha algumas virtudes
'Stão ineditas ainda,
A Historia não as registra
N'uma phrase aberta e linda.

Ella era a vil prophetisa
Das velhas troupes matreiras
Que davam agua p'la barba
Aos bichos e ás lavadeiras.

Ella era sombra nefasta
D'um sonho que se desfez,
Ella era Cabra tão casta
Que nunca cabrito fez.

Já lá vae e em boa hora
N'uma mortalha de neve.
Que durma em paz por agora
Que a terra lhe seja leve.

Quando ella descer á terra
Folga e ri ó mocidade,
Da urna que a cinza encerra
Brotará a liberdade.

X. Y. Z.

Ultimas noticias

TELEGRAMMAS

Do bispo de Beja:

Arnaldo Forte... Veja se pode obter-me badalo da Cabra.

Resposta:

Monsenhor bispo... Nem eu o consegui; deram-no ao Boça.

Do Bacaro:

Cabreiro... Consiga-me todo o custo pera da Cabra.

Resposta:

Sr. Bacaro... Já a não tinha; porque a mandára á viuva do Padre Antonio Vieira, quando meça.

A CABRA

A cabra! Eu a conheci!

Era aquella velhinha que melancolisava as nossas tardes de estudante e quotidianamente nos vinha gritando: *cautela com o fim do ano*. E ela no fundo era nossa amiga, coitada, porque lá de quando em quando ficava muda, teimava e dava-nos um feriado. Até consta dos anaes da historia que ela um dia, zangada com os lentes, deixou roubar o badalo (que era a sua corda vocal) para dar um dia de gaudio á mocidade.

Santa velhinha era a pobre cabra. O seu mal foi não poder ser republicana. Coitada, não estava mais no seu... badalo. Mesmo, francamente, quem nasce em 1290 não está disposto a aceitar de mãos abertas tudo o que, como progresso e ideias luminosas, lhe offereça o seculo XX. Tem, pelo menos, a garantia da sua idade. E por isso ella preferiu deixar-se matar e abençoou o cabricida.

A cabra! Eu a conheci!

M.

Chorando a Cabra agonisante...

I

Tarde d'outomno. O ceu annuveado
E' triste, muito triste, a qu'rer chover;
E o solo está vestido, atapetado
P'las folhas moribundas a gemer...

Cheio de frio já, agonisado,
Um lyrio está no chão todo a tremer,
E um cedro já velhinho, já curvado,
Chora de dór com medo de morrer.

Já chove. No jardim, com muito medo
'Scondido por detraz do arvoredó,
Um triste rouxinol soluça alem!

E as pobres lindas rosas desfolhadas,
Beijando-se uma a uma alvoroçadas,
Caíndo pelo chão, choram tambem...

II

Na torre, muito mal, agonisante...
Nos braços dos *bedeis* e do *Reitor*,
Fazendo o testamento a um 'studante,
Pedindo já baixinho um confessor;

A Cabra, tão velhinha, num instante,
Irá deixar o *Brardo*, o seu pastor!
Não mais virá balar em tom berrante
Na vesp'ra da lição. 'Stá no 'stertor!

—Morreu agora mesmo. Fala um monge:
“Sou eu, aqui me tens, venho de longe!
Sou D. Diniz, aqui me tens ao pé!”

“Nem tu, ó minha pobre cabritinha
Já rouca e tão doente, assim velhinha,
'Scapaste á *Redenção* do Antonio Zé!!

Coimbra, 1910.

ARNALDO FORTE.

Personalidades que se incorporam no cortejo

Alem de muitas outras personalidades de *vulgo vil*, como por exemplo, coloiros e bixos, incorporar-se-hão no cortejo funebre a mui nobre e conhecida banda *la Mouron*, regida pelo habil fabricante de fados Chico Menano e Companhia, tocadores de instrumentos de pelle e flauta de cordas. O Pharaó da tocha, o lente da treta, o Paixão Pinta a Pera, a Marrafa, D. Ruy da Camara acavallo n'um cavallo arabe, o Frei Bacalhau: E os representantes das nações estrangeiras, côrte celestial e republica Portuguesa, Rei Davide e a sua *phantasmagorica* comitiva, Sansão da Gadelha, a Dalila, um grupo de trombeteiros de Jerichó.

D. Bacopalico, ministro de Sião; D. Caparicato de Menezes, principe das Ervas, D. Ambrizilopico principe da Galhofa, e outros e outros . . .

Fechando a *roda* do cortejo, vai um regimento de infantaria n.º 28, mandado organizar de proposito para esse fim, de que é general em chefe o *arranca-fersuras* do sr. Mario Pessoa, e ajudante-general o Brandão da Treta.

Nota. — O Boça e as suas côcôtes de volta do *Maxime* incorporar-se hão tambem no cortejo.

A SUA ORAÇÃO

Cabra nossa que vaes no embrulho esquecido seja o teu nome. Seja feito o teu enterro assim na terra como no mar. As badaladas de cada dia nunca mais faças ouvir e perdoa-nos a nossa alegria como nós te perdoamos as partidas que nos pregaste quando contavamos com feriado. Nunca nos des a illusão de que ainda vives mas livra-nos do mal das troupes e troupeiros.

Arre.

Singular

COISAS VARIAS

O *Henrique Seca*, que todos os dias acordava ao toque da Cabra, um dia d'estes acordou no meio de cabritos, chamando pelo *Gregorio*.

O *Salé do Chiado*, protestou contra o assassinato da Cabra, pelo Antonio Zé, e diz todo impertigado:

— Vou pôr uma Cabra no Chiado, para chamar todos os empregados á Cabra.

Meu caro Polonio:

O sentimento humano em toda a parte existe; até cá pelo Olympo luminoso. Ao receber a infausta nova, soffri tão grande abalo, que deixei cahir a bola. Não imaginas, meu estimavel Polonio, o que tenho soff-

rido! . . . Como sabes era a unica filha que tinha, a quem dedicava todos os affectos. Senti um vacuo profundo, que nunca mais poderá preencher-se. Opprimida por tão grande angustia, nem encontro palavras com que manifestar bem alto o meu sentimento.

Representa-me nos funeraes, e deixa cabir por mim uma lagrima de saudade, no coval da extincta.

Sempre tua muito amiga,

Minerva.

Autentica!

A Cabra um tanto pinderica
Vem no ultimo pinaculo,
Tornar a besta isotérica
Incapaz d'um sustentaculo.

Por isso d'alma sidérica
E com apramo de *Hipolito*,
Dominando a fibra histórica,
Em que se inspira o acolito, A
Proclama aqui bem alto
E com ares presumidos
Nesta lingua que é d'asfalto
E tambem de de . . . lambidos,
Que no caso dos basaltos
São p'ra ahi uns escorridos
Mostrando solas e saltos!

Em arides tremeliques
A Cabra fez este exhordio,
E no silencio de liques
Metteu dentro da natinha
A poesia desses triques
E o 's'p'rito *Magno sardinha*

Quando *Albertinho* — 'squipatico —
Chegou á barra científica
Onde agora pontifica
'spalhando um ar senhoratico,
Vae o grupo exotérico
Cheio d'animo asnatico,
Palpitante, eristerico,
Por nm genio bom e masculino
E consagra-lhe fantastico,
Um pinoteko cenaculo.
E tendo 'op'ruto luratico
Obtuso e d'obstaculo,
Foi impigido o Asnatico,
De um modo serumbatico
Por preço de mitra e baculo!

Assim a Cabra epidemica,
Perdendo o instincto plangente,
Com a sua voz academica
Apagada a arcabus
Trouxe á luz tão refulgente
— O Genio dos Exotericus!

E' uma affirmação de badalo
E, p'ra ahi tão manifestas,
Embora queiram nega-ló
Confessam ser Magnas bestas!

Pinoteiam-a-teca: data fatal,
Decimus junius Javenal.

BADALA-SE

— Que o sr. Acólyto Raposo ha muito tempo que era republicano.

— Que assim *comeu* durante muito tempo o sr. Conde. . .

— Que o *fallecido* Visconde de Monforte se apparecesse mais cedo tambem comia. . .

— Que o sr. Chaves de Almeyda. Oscar Wilde da rua dos Fanqueiros, entende que a *Cabra* é anterior a Leonardo de Vinci.

— Que o Pitotinhas (Papança) quando precisa de alguma coisa maior vae ter com o Almeyda, Wilde dos Fanqueiros, *que é homem para tudo*.

— Que este apelido *Papança* é hereditario.

— Que todos estes senhores per-tenciam á *pina-ca-teca* do sr. Conde.

— Que o Veiga do *clitoris* tambem era dos da *panelina*.

— Que este sr. *jogava de porta* . . .

— Que o sr. Horta ajudante do commissario tem *dado á lingua* por não avesar vintem do cargo.

— Que este geito de dar á lingua lhe ficou dos *Exotericos*.

— Que isto não é *lebre*, mas que o sr. Dita e Lima pôde informar a tal respeito.

— Que este sr. diz que o Sá Nogueira tem um riso voltairiano.

— Que o cidadão Joyce da Com-menda, vai ao Brazil com *Um Par-teiro*.

— Que os *Exotericos* pensam no Enterro da Cabra, inconsolaveis com a falta de badalo.

— Que tambem na tuna houve *adiantamentos*.

— Que o presidente Nobre de Mello, da Carapinha desta sociedade, tambem fez jogo á Com-menda.

— Que o Aarão de Lacerda anda desgotoso com os cursos livres.

— Que já não pode fazer rir o curso com os discursos.

— Que o badalo da Cabra passou para o nariz do Vigencio,

— Que o Sousa Gomes vai no Enterro da Cabra de cruz alçada.

— Que o Lobo d'Avila não vai porque anda *estuporado* com trabalho.

— Que para commemorar o Enterro, o sr. Antoino Agustio mandou fazer um badalo de gesso para os alumnos desenharem. . .

— Que o Vaz Preto vai comprar, para se instruir, todas as obras sobre o badalo da Cabra.

— Que o Filho Geral do Ajudante do Procurador tem a mania de ser Cabrão, por luxo de pseudo — cynico.

— Que o orador Alves Sequeira, — o *Estrella* da Revolução — vai fazer um livro de piadas sobre a Cabra.

— Que o enterro da Cabra estava para ser ha quinze dias.

— Que não foi então, porque o Marque Guedes precisava decorar o discurso.

— Que falla no enterro em nome dos poderes constituídos.

— Que o Bissaya das Flores representa o Bernardino no enterro da Cabra.

FADO DOS LENTES

OU

Reportagem em verso com muitíssima piada
d'um pagode intimo no Tasco.

O Sidonio que é brégeiro
Repenicava o fadinho
E o Bastos (o Alvarinho)
Botou cantiga primeiro.

Gonçalves desenhador,
Democrata cidadão,
Agarrado a um violão
Acompanhava com amor.

O Souto, todo pimpão,
Com o gôro posto ao lado,
Começou batendo o fado
Com o doutor Costa Allemão.

Mas eis que chega apressado
O marinheiro Marnoco,
Tirou sobretudo e côco
E poz-se a bater o fado.

Julio Henriques, jardineiro,
Cofiando os bigodões,
Dizia com os seus botões:
Sinto-me rapioqueiro.

Com uma banza na mão
Diz de lá o Pae Viegas:
E' pena não haver pegas
P'ra ser completa a funcção.

O Zé Bruno empertigado,
N'um fraque todo catita,
Convidou o padre Pitta
P'ra irem bater o fado.

Mas chega o doutor Assiz,
O ex-conde de Felgueiras,
Que botou duas asneiras
Por piada, porque quiz.

Tamagnini caçador
Um lente cheio de manha
Dançou uma malagaña
Com salero e a primor.

O joven Pinto Coelho
Caloiro entre os sabios lentes,
De entrada mostrou os dentes,
Que fará quando fôr velho!

O Bernardo dos Bichinhos
C'um microscopio na mão
Dizia em voz de trovão:
Venham ver que engraçadinhos.

Do Tasco o piadista-mór
Lobo d'Avila engraçado
Cantou e bateu o fado
Como um ruffa: a primor.

O Cid, um lente elegante,
O da questão do hospital,
Achou *shocking* e banal
Aquelle bródio delirante.

Teixeira d'Abreu barbado,
Ex-ministro thalassão,
Abrilantou a funcção
Com piadinhas do fado.

Cantou tambem o Berzelio
Bom christão e muito esperto
Que não descobriu o helio
Por estar já descoberto;

Ulrich, o colonial
De tanga muito bem posta
Ensinava ao Luiz da Costa
O rasga, dança jovial.

Sousa Pinto suspirando
Ao ouvir aquelle chinfrim
Dissé então: já fui assim,
Hoje triste vou penando.

Anselmo, o noivo invejado,
Um lente pecego e esperto,
Ensinou ao Zé Alberto
Umas cantigas do fado.

Daniel, o sabio lente,
Com seu menino Alvarinho
De viola e cavaquinho,
Ai que dueto excellento.

Zé Descartes Brandão Newton.

A' orta do jazigo da A'bra

Faltaria a um dos mais odoresos
e sagrados deveres, se or mim e or
meu tio ónego, não erguesse a minha
voz ara chorar a A'bra.

A A'bra era ara mim um anudo.
Mas todos os óvos da eninsula vene-
raram sempre a A'bra, orisso eu fallo
á orta do jazigo da A'bra.

Tenho muita éna da A'bra, e chóro
de omoção da A'bra, em meu nome,
de minha asta de intanista, e do meu
Urso.

Uma lagrima deixo air sobre a sua
epultura.

Alhares

Do into anno de Direito

Enterro da Cabra

O curso do 5.º anno juridico, faz
saber que, em nome da Zaragata, se
decretou, para valer como lei, o se-
guinte:

1.º No proximo dia 17, realisar-
se-hão os funeraes do grande estafer-
mo que em vida nos codilhava tanto
quanto podia e que dava pelo nome
de Cabra.

2.º O cortejo fanebre deve ser
organizado de maneira a pôr-se em
marcha ás 7 horas da noite.

3.º O itinerario será: Porta Fer-
rea, S. João, Arco do Bispo, Couraça
dos Apostolos, R. da Esperança, R. dos
Coutinhos, Sé Velha, R. do Correio,
Couraça da Estrella, Portagem, Cal-
çada, R. Visconde da Luz, Praça 8 de
Maio, Avenida Sá da Bandeira, Largo
da Republica, R. Alexandre Herculano,
Lyceu, Largo da Feira.

4.º Todas as entidades que dese-
jem tomar parte nos funeraes, devem
encorporar-se no cortejo pela ordem
da sua chegada á Porta-Ferreira.

5.º Abrirá o cortejo o carro de
honra acompanhado pela philarmoni-
ca do Xico Menano.

6.º No Largo da Feira, os carros
que se encorporarem no cortejo, col-
locar-se-hão em linha, com a frente

pró Favas, tendo o carro d'honra de
ficar ao meio para que a elle possa
ascender o sublime e excentrico ora-
dor que é Chatabriand Baracho, para
proferir a descompostura empolada e
pinderica da Parca terrivel e funesta.

7.º e ultimo. Em seguida deslisará
o cortejo marchando cada um para
sua casa, pró concheço terno e meigo
de sua mulher e seus filhos.

E para se tornar conhecido se
mandou imprimir, publicar e correr.

Dado nos paços do altissimo e
pantagruelico governo da Zaragata,
aos quinze dias do mez de Novembro
do anno do nascimento de nosso Sr.
Antonio José d'Almeida.

O ministro da piada,

Alberto Elias

OFFERTAS

A alma chorada e penada de chi-
charro da nossa muito infeliz cabra,
terá acompanhá-la para a mansão ce-
lestial offerendas ricas e apreciadas
das primeiras pessoas da finisea e fi-
nissima elite rescendendo a perfumes
e póz d'arrozés.

O nosso grande e nunca assaz fal-
lado o *Sal* do Chiado offerece uma
caixa de beijos nacarados e deliciosos.

O mano Sousa, o pai Breselim, co-
nhecem não é verdade? para não per-
der o *habito*, porque burro velho não
aprende linguas, offerecerá com laus-
perenatica dedicatoria uma seraphica
e untuosa tocha.

O Orlando furioso invencivel dará
um pouquinho da sua pelluda e fron-
dosa guedelha.

O pópó freiratico e pimponesco da-
rá o *rabeco* mavioso e chic para a mu-
sica infernal do Menano.

Para o sumptuoso museu artistico
da cabra o grandissimo *Alliança* dará
o seu inconfundivel e azul *lealismo*.

O Biegas, olhando por um oculo o
trabalho colossal e *prospero* da Repu-
blica, offerecerá a vitima insigne dos
fundibularios democraticos, por medi-
da higienica, uma toalha e um bidet
com um sabonete da casa "Claus e
Saul".

O Alberto Monsaraz, dengoso e lam-
bido, dará comovidamente a prova da
mais profunda saudade offerecendo as
fitas da faculdade do amor que já
conquistou a immortalidade, besga e
desdentada da bocca em O'.

Fel-gu-eiras offerece as perninhas
porque os instrumentos já estão prom-
ptos.

O poeta França — um *fraskito de*
kola.

Teixeira d'Abreu — manda-lhe a
pera, do Brazil.

J. Luiz d'Almeida — duas galli-
nhas das quatro que lhe raptaram do
mui augusto parlamento.

Meninas do lyceu — um tomate.

O grande Pol II — o inconfundivel
e laureado sr. Mesquita, offerece a
mortalha.

E mais não disse.

A CABRA

Director, Proprietario e Editor

Ascanio Pessoa

Redacção e Administração

Montes Claros

Typ. Minerva Central — Coimbra



Preço legal em todo o paiz, 20 réis

ULTIMO ADEUS

Vae rolar a pedra sobre o tumulo que ha-de encerrar o cadaver da dilecta filha do rei Lavrador.

Não quiz o cutello da morte poupar essa dama que, a despeito da sua vetusta idade, possuia ainda o tom bronzaceo-argenteo da sua meliflua voz, que diariamente se ia repercutir junto das nossas bancas de estudo, nas velhas folhas dos nossos carunchosos calhamaços.

Quando as candeias chorarem nos lares as suas primeiras lagrimas de luz, estará certamente posto em ordem o funebre cortejo que ha-de acompanhar á ultima morada os restos mortaes da que em vida foi D. Cabra.

E nós seriamos ingratos, conhecidos que são os laços que nos prendiam á gentil dama, se não fossemos derramar lagrimas de saudade sobre a campa que ha-de guardar eternamente as cinzas d'essa morta querida de tantas gerações e não viessemos aqui dizer o nosso ultimo adeus. As palavras tropeçam na pena, a comoção não nos deixa expandir, e por isso adeus, Cabra amiga. Adeus, e lá d'esse ceu de nudez a que o ministro se dignou levar-te, vela por nós.

Oh! tu que foste em vida a terna mãe das colicas, não nos esqueças, pela memoria de teus avós.

Se um dia, ó Cabra, nos vires afflicto, faze derreter o teu velho bronze, converte-o em... em guinés e vem livrar-nos de apertos. Amen.

M.

PEDIDO

A's damas e cavalheiros, especialmente ás damas, moradores nas ruas por onde deve passar o funebre cortejo, pedimos a fineza de illuminar os frontispicios dos seus predios e bem assim de pôr ás janellas as assás respeitaveis colchas de pape.

FALLECEU

D. Diniz (ausente), D. Sebastião de Carvalho e Mello (ausente), e Abel d'Andrade, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações que foi Antonio José d'Almeida, servido de levar para a mansão d'um democratico silencio, a sua nunca esquecida, amiga e chorada bisneta, neta e filha Cabra, cujo enterro se realizará na quinta feira, dia 17, pelas 2 horas da tarde, saindo o prestito funebre da Porta Ferrea.

Á CABRA

Nunca mais ouvirei teu som funerio
Perder-se em vibrações pelas alturas,
Nem os teus ais d'erraticas negruras.
Mais negro tornarão este hemispherio.

Teu dobre funeral, n'um cemiterio
Faria estremecer as sepulturas.
Na vida o que fosta de desventuras
Firmaram no teu dobre o seu imperio.

Agora, pobre velha abandonada
Não verás que uma ideia abençoada
Te colloque a tanger n'um campanario.

Talvez teu corpo ao fogo d'um brazeiro
Vá passar pelas mãos d'um caldeireiro
E assim findará o teu Calvario...

ALBERTO MORAES.

O testamento da Cabra

Saibam todos quantos este virem que aos 2 do mez de novembro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo e n'esta cidade de Coimbra determinei que a disposição da minha ultima vontade fosse a que se segue e quero que se cumpra.

Antes de mais nada tenho a declarar, sentindo a morte perto, que fui sempre creada na santissima religião, em companhia do Berardo que não gosta de vinho, e que nessa mesma religião quero morrer, para ir direitinha ao reino da gloria. E depois d'isto faço a distribuição do que pesuo, esperando dever a todos o favor de me desculparem a ninharia e a boa vontade. Aos mais nobres escriptores da cidade, aos meus ricos Barnabé, Bebe-Agua e Bamba offereço o nicho da torre da Universidade para inspirarem as suas obras primas. Ao

interessante e impagavel mestre de cerimonias, o neurasthenico e aflautado secretario, que tanto cuidado recomendou para as gargantas do proximo, quando da visita do seu Senhor e que tão entusiasticamente victoriou a Republica, deixo a corda que me prendia ás argolas para a aproveitar no dia em que reconhecer não ser compativel com este mundo de mortaes,— com a certeza de ninguem o tomar a serio, e ao Paixão Pinta a Pera, inclito talhador de albardas d'esta nobre terra a esmola de todas as pragas que os cabulas me rogavam a comprehensar os cães que os vultos proeminentes das gerações lhe deixaram para sempre escriptos no seu livro de calotes; ao Zé Gomes lego todo o bronze que me encontrarem para dobrões destinados ao nivelamento social e ao ex.^{mo} Conha das contradanças, um canivete para aparar os calos. Deixo mais ao Mesquita alfarrabista 5 folhas de Diccionario, 3 de uma zoologia da 4.^a classe e dois raros tomos de celebre policia amator para a sua importante colleção e ao sôr Telles da bota grande umas collossaes esporas para o primeiro cavalleiro que lhe apparecer. Ao flautista do Café Central deixarei a lembrança dos sons harmoniosos que durante tantos annos me não esqueci de badalar para gaudio dos mestres e chatice dos batoiteiros que tinham as faltas todas, o badalo ficará á escolha d'aquelle que mais geito tiver para lhe tocar ou supportar, porque só raros saberão o que elle pesa. Muitos se me não desapegam da memoria mas mais não dou porque não tenho. Seguem as testemunhas srs. Paulin Santos, Corte Real irresistivel das damas, Mesquita Tailleur, servindo de testamenteiro.

Sansão

Autopsia da Cabra

Os quintanistas de medicina que fizeram a autopsia da Cabra, não nos participaram o seu resultado. Informa-nos, porem, o Menano mais novo, de que ella tinha no buxo o livro do Dr. Assiz, na bexiga o livro de finanças do velho Dr. Jardim, no coração os quatro volumes de legislação fiscal; tinha um pulmão affectado, com uma sebenta, ou padecia d'uma sebentite pulmonar; no intestino delgado e grosso não tinha nada, por lhe terem dado, horas antes de morrer, um clister.

Genealogia da Cabra

A cabra enterra-se hoje; neste dia tragico e solemne, é justo que evocemos a sua nobre ascendencia.

Para isso, encarregámos o conhecido genealogista sr. Eugenio de Castro, que gentilmente se prestou a dar-nos os esclarecimentos precisos, que o mimoso poeta antiquario sr. Antonio de Monfoi-se redigiu e completou.

O mais antigo ascendente da Cabra é o sr. Sal, digno gerente dos Armazens do Chiado; assim o afirma D. Diniz nas suas *Rimas d'amor*. A linha genealogica da cabra perde-se por algum tempo, até que da união illicita do Araujo dos Calos com Arnaldo Forte, nasceu o França Amado, que na India lançou as bases dum novo imperio colonial.

Pouco depois a celebridade desta ascendencia vai ao auge, com D. Alberto Monsarás, a quem o pai talhava para ministro do rei Manoel o Venturoso. Como entretanto fallecesse o rei, D. Alberto concorreu a uma das cadeiras da Universidade aberta pela reforma de D. João 3.º. Apesar de Gayo Queixoso muito patrocinar esta petenção, não o admittiu o reitor, alegando que D. Alberto era de aristocracia vinicola.

O Padre Antonio Vieira, deixou de sua viúva Maria Antonia, uma creança do sexo masculino, que representou o velho tronco retorcido da Cabra. Mas destroçando um dos ramos, vimos a encontrar a descendencia em Reis Torgal da casa da Barroca.

Deste nasceram varios filhos, um dos quaes teve *bóssa* para Palma Mira.

Aqui o sr. Eugenio quedou-se silencioso; e valeu-nos a interferencia graciosa de sr. Monfoi-se, esclarecendo.

O Raposo tambem é da geração! E o Veiga é que é agora a *Geração Nova*.

De novo o sr. Eugenio retomou a palavra para nos indicar muito em segredo que estudando melhor os seus avós, num livro que vai publicar, concluirá sem peias que elle representava hoje a descendencia da Cabra por via de seu 4.º avô, D. Francisco Antonio que foi bispo *in partibus*.

Corôas

Sobre o catafalco foram depostas as seguintes:

— De fitas azues e brancas. *A' cabra: Dr. Provisorio.*

— De casemira inglesa, com bolsos no peito, e forro de setim. *A' generosa Cabra: Mesquita & Vasconcellos.*

— Cór de botão de rosa: *A uma crédora: Joel.*

— De figo passado, com moedas de cinco tostões á volta, e este simples letreiro: *Maria Marrofa.*

— De perpenas roxas e commenda de Christo: *A' Cabra, ao babalo dos lentes: Conde de Monsaraz.*

— De riscado. *A' Cabra, recordação de ganhos em commum: Barnabé.*

— *A' Cabra: Num dá ná? Bebe A'.*
— De Sardinha de caldeirada. *A' Cabra, lembrança de calderadas na Lapa dos Esteios. Almirante Rato.*
— Um bouquet. *A' Cabra. Arre caloteiro. Julia da Rua da Nogueira.*

NA MORTE DA CABRA

Nem uma lagrima deito
Em tão infausto successo.
Fiquei até satisfeito
Com esta morte, confesso.

Satisfeito, porque a Cabra
Era um symbolo cruel
De legendarias asneiras
Na terra do bacharel.

Satisfeito porque a Cabra
Com seu balar já rachado
Era a treva triumphante
Nas barbacans do Passado.

Se tinha algumas virtudes
'Stão ineditas ainda,
A Historia não as registra
N'uma phrase aberta e linda.

Ella era a vil prophetisa
Das velhas troupes matreiras
Que davam agua p'la barba
Aos bichos e ás lavadeiras.

Ella era sombra nefasta
D'um sonho que se desfez,
Ella era Cabra tão casta
Que nunca cabrito fez.

Já lá vae e em boa hora
N'uma mortalha de neve.
Que durma em paz por agora
Que a terra lhe seja leve.

Quando ella descer á terra
Folga e ri ó mocidade,
Da urna que a cinza encerra
Brotará a liberdade.

X. Y. Z.

Ultimas noticias

TELEGRAMMAS

Do bispo de Beja:

Arnaldo Forte... Veja se pode obter-me badalo da Cabra.

Resposta:

Monsenhôr bispo... Nem eu o consegui; deram-no ao Boça.

Do Bacaro:

Cabreiro... Consiga-me todo o custo pera da Cabra.

Resposta:

Sr. Bacaro... Já a não tinha; porque a mandára á viúva do Padre Antonio Vieira, quando mcça.

A CABRA

A cabra! Eu a conheci!

Era aquella velhinha que melancolisava as nossas tardes de estudante e quotidianamente nos vinha gritando: *cautela com o fim do ano*. E ela no fundo era nossa amiga, coitada, porque lá de quando em quando ficava muda, teimava e dava-nos um feriado. Até consta dos anaes da historia que ella um dia, zangada com os lentes, deixou roubar o badalo (que era a sua corda vocal) para dar um dia de gaudio á mocidade.

Santa velhinha era a pobre cabra. O seu mal foi não poder ser republicana. Coitada, não estava mais no seu... badalo. Mesmo, francamente, quem nasce em 1290 não está disposto a aceitar de mãos abertas tudo o que, como progresso e ideias luminosas, lhe offereça o seculo XX. Tem, pelo menos, a garantia da sua idade. E por isso ella preferiu deixar-se matar e abençoou o cabricida.

A cabra! Eu a conheci!

M.

Chorando a Cabra agonisante...

I

Tarde d'outomno. O ceu annueado
E' triste, muito triste, a qu'rer chover;
E o solo está vestido, atapetado
P'las folhas moribundas a gemer...

Cheio de frio já, agonisado,
Um lyrio está no chão todo a tremer,
E um cedro já velhinho, já curvado,
Chora de dôr com medo de morrer.

Já chove. No jardim, com muito medo
'Scondido por detraz do arvoredô,
Um triste rouxinol soluça alem!

E as pobres lindas rosas desfolhadas,
Beijando-se uma a uma alvorçadas,
Caíndo pelo chão, choram tambem...

II

Na torre, muito mal, agonisante...
Nos braços dos *bedeis* e do *Reitor*,
Fazendo o testamento a um 'studante,
Pedindo já baixinho um confessor;

A Cabra, tão velhinha, num instante,
Irá deixar o *Brardo*, o seu pastor!
Não mais virá balar em tom berrante
Na vespra da lição. 'Stá no 'stertor!

— Morreu agora mesmo. Fala um monge:
"Sou eu, aqui me tens, venho de longe!
Sou D. Diniz, aqui me tens ao pé!"

"Nem tu, ó minha pobre cabritinha
Já rouca e tão doente, assim velhinha,
'Scapaste á *Redenção* do Antonio Zé!!

Coimbra, 1910.

ARNALDO FORTE.

Personalidades que se incorporam no cortejo

Alem de muitas outras personalidades de *vulgo vil*, como por exemplo, coloiros e bixos, incorporar-se-hão no cortejo funebre a mui nobre e conhecida banda *la Mouron*, regida pelo habil fabricante de fados Chico Menano e Companhia, tocadores de instrumentos de pelle e flauta de cordas. O Pharaó da tocha, o lente da treta, o Paixão Pinta a Pera, a Marrafa, D. Ruy da Camará acavallo n'um cavallo arabe, o Frei Bacalhau: E os representantes das nações estrangeiras, côrte celestial e republica Portugueza, Rei Davide e a sua *phantasmagorica* comitiva, Sansão da Gadelha, a Dalila, um grupo de trombeteiros de Jerichó.

D. Bacopalico, ministro de Sião; D. Caparicato de Menezes, principe das Ervas, D. Ambrizilocopico principe da Galhofa, e outros e outros . . .

Fechando a roda do cortejo, vai um regimento de infantaria n.º 28, mandado organizar de proposito para esse fim, de que é general em chefe o *arranca fersuras* do sr. Mario Pessoa, e ajudante-general o Brandão da Treta.

Nota. — O Boça e as suas cócôtes de volta do *Maxime* incorporar-se-hão tambem no cortejo.

A SUA ORAÇÃO

Cabra nossa que vaes no embrulho esquecido seja o teu nome. Seja feito o teu enterro assim na terra como no mar. As badaladas de cada dia nunca mais faças ouvir e perdoa-nos a nossa alegria como nós te perdoamos as partidas que nos pregaste quando contavamos com feriado. Nunca nos des a illusão de que ainda vives mas livra-nos do mal das troupes e troupistas.

Arre.

Singular

COISAS VARIAS

O *Henrique Seca*, que todos os dias acordava ao toque da Cabra, um dia d'estes acordou no meio de cabritos, chamando pelo *Gregorio*.

O *Sale do Chiado*, protestou contra o assassinato da Cabra, pelo Antonio Zé, e diz todo impertigado:

— Vou pôr uma Cabra no Chiado, para chamar todos os empregados á Cabra.

Meu caro Polonio:

O sentimento humano em toda a parte existe; até cá pelo Olympo luminoso. Ao receber á infausta nova, soffri tão grande abalo, que deixei cahir a bola. Não imaginas, meu estimavel Polonio, o que tenho sof-

rido! . . . Como sabes era a unica filha que tinha, a quem dedicava todos os affectos. Senti um vacuo profundo, que nunca mais poderá preencher-se. Opprimida por tão grande angustia, nem encontro palavras com que manifestar bem alto o meu sentimento.

Representa-me nos funeraes, e deixa cahir por mim uma lagrima de saudade, no coval da extincta.

Sempre tua muito amiga,

Minerva.

Autentica!

A Cabra um tanto pinderica
Vem no ultimo pinaculo,
Tornar a besta isotérica
Incapaz d'um sustentaculo.

Por isso d'alma sidérica
E com aprumo de *Hipolito*,
Dominando a fibra histórica,
Em que se inspira o acolito,
Proclama aqui bem alto
E com ares presumidos
Nesta lingua que é d'asfalto
E tambem de de . . . lambidos,
Que no caso dos basaltos
São p'ra ahi uns escorridos
Mostrando solas e saltos!

Em aridos tremeliques
A Cabra fez este exhordio,
E no silencio de liques
Metteu dentro da natinha
A poesia desses triques
E o 'sp'rito *Magno sardinha*

Quando *Albertinho* — squipatico —
Chegou á barra científica
Onde agora pontifica
'spalhando um ar senhoratico,
Vae o grupo exotérico
Cheio d'animo asnatico,
Palpitante, eristerico,
Por um genio bom e masculino
E consagra-lhe fantastico,
Um pinoteko cenaculo.
E tendo 'op'rito luratico
Obtuso e d'obstaculo,
Foi impigido o Asnatico,
De um modo serumbatico
Por preço de mitra e baculo!

Assim a Cabra epidemica,
Perdendo o instincto plangente,
Com a sua voz academica
Apagada a arcabus
Trouxe á luz tão refulgente
— O Genio dos Exotericus!

E' uma affirmação de badalo
E, p'ra ahi tão manifestas,
Embora queiram nega-lo
Confessam ser Magnas bestas!

Pinoteiam a téca; data fatal,
Decimus junius Juvenal.

BADALA-SE

— Que o sr. Acólyto Raposo ha muito tempo que era republicano.

— Que assim *comeu* durante muito tempo o sr. Conde . . .

— Que o *fallecido* Visconde de Monforte se apparecesse mais cedo tambem comia . . .

— Que o sr. Chaves de Almeyda. Oscar Wilde da rua dos Fanqueiros, entende que a *Cabra* é anterior a Leonardo de Vinci.

— Que o Pitotinhas (Papança) quando precisa de alguma coisa maior vae ter com o Almeyda, Wilde dos Fanqueiros, *que é homem para tudo*.

— Que este apelido *Papança* é hereditario.

— Que todos estes senhores pertenciam á *pina—ca—teca* do sr. Conde.

— Que o Veiga do *clitoris* tambem era dos da *panelina*.

— Que este sr. *jogava de porta* . . .

— Que o sr. Horta ajudante do commissario tem *dado á lingua* por não avesar vintem do cargo.

— Que este geito de dar á lingua lhe ficou dos *Exotericos*.

— Que isto não é *lebre*, mas que o sr. Dita e Lima póde informar a tal respeito.

— Que este sr. diz que o Sá Nogueira tem um riso voltairiano.

— Que o cidadão Joyce da Comenda, vai ao Brazil com *Um Par-teiro*.

— Que os *Exotericos* pensam no Enterro da Cabra, inconsolaveis com a falta de badalo.

— Que tambem na tuna houve *adiantamentos*.

— Que o presidente Nobre de Mello, da Carapinha desta sociedade, tambem fez jogo á Comenda.

— Que o Aarão de Lacerda anda desgostoso com os cursos livres.

— Que já não pode fazer rir o curso com os discursos.

— Que o badalo da Cabra passou para o nariz do Vigencio,

— Que o Sousa Gomes vai no Enterro da Cabra de cruz alçada.

— Que o Lobo d'Avila não vai porque anda *estuporado* com trabalho.

— Que para commemorar o Enterro, o sr. Antoino Agustio mandou fazer um badalo de gesso para os alumnos desenharem . . .

— Que o Vaz Preto vai comprar, para se instruir, todas as obras sobre o badalo da Cabra.

— Que o Filho Geral do Ajudante do Procurador tem a mania de ser Cabrao, por luxo de pseudo — cynico.

— Que o orador Alves Sequeira, — o *Estrella* da Revolução — vai fazer um livro de piadas sobre a Cabra.

— Que o enterro da Cabra estava para ser ha quinze dias.

— Que não foi então, porque o Marque Guedes precisava decorar o discurso.

— Que falla no enterro em nome dos poderes constituidos.

— Que o Bissaya das Flores representa o Bernardino no enterro da Cabra.

FADO DOS LENTES

OU

Reportagem em verso com muitíssima piada
d'um pagode intimo no Tasco.

O Sidonio que é brégeiro
Rapeicava o fadinho
E o Bastos (o Alvarinho)
Botou cantiga primeiro.

Gonçalves desenhador,
Democrata cidadão,
Agarrado a um violão
Acompanhava com amor.

O Souto, todo pimpão,
Com o gôrrro posto ao lado,
Começou batendo o fado
Com o doutor Costa Allemão.

Mas eis que chega apressado
O marinheiro Marnoco,
Tirou sobretudo e côco
E poz-se a bater o fado.

Julio Henriques, jardineiro,
Cofiando os bigodões,
Dizia com os seus botões:
Sinto-me rapioqueiro.

Com uma banza na mão
Diz de lá o Pae Viegas:
E' pena não haver pegas
P'ra ser completa a funcção.

O Zé Bruno empertigado,
N'um fraque todo catita,
Convitou o padre Pitta
P'ra irem bater o fado.

Mas chega o doutor Assiz,
O ex-conde de Felgueiras,
Que botou duas asneiras
Por piada, porque quiz.

Tamagnini caçador
Um lente cheio de manha
Dançou uma malagaña
Com salero e a primor.

O joven Pinto Coelho
Caloiro entre os sabios lentes,
De entrada mostrou os dentes,
Que fará quando fôr velho!

O Bernardo dos Bichinhos
C'um microscopio na mão
Dizia em voz de trovão:
Venham ver que engraçadinhos.

Do Tasco o piadista-mór
Lobo d'Avila engraçado
Cantou e bateu o fado
Como um rufia: a primor.

O Cid, um lente elegante,
O da questão do hospital,
Achou *shocking* e banal
Aquelle bródio delirante.

Teixeira d'Abreu barbado,
Ex-ministro thalassão,
Abrilantou a funcção
Com piadinhas do fado.

Cantou tambem o Berzelio
Bom christão e muito esperto
Que não descobriu o helio
Por estar já descoberto;

Ulrich, o colonial
De tanga muito bem posta
Ensinava ao Luiz da Costa
O rasga, dança jovial.

Sousa Pinto suspirando
Ao ouvir aquelle chinfrim
Disse então: já fui assim,
Hoje triste vou penando.

Anselmo, o noivo invejado,
Um lente pecego e esperto,
Ensinou ao Zé Alberto
Umás cantigas do fado.

Daniel, o sabio lente,
Com seu menino Alvarinho
De viola e cavaquinho,
Ai que dueto excellente.

Zé Descartes Brandão Newton.

A' orta do jazigo da A'bra

Faltaria a um dos mais odoresos
e sagrados deveres, se or mim e or
meu tio ónego, não erguesse a minha
voz ara chorar a A'bra.

A A'bra era ara mim um anudo.
Mas todos os óvos da eninsula vene-
raram sempre a A'bra, orisso eu fallo
á orta do jazigo da A'bra.

Tenho muita êna da A'bra, e chôro
de omoção da A'bra, em meu nome,
de minha asta de intanista, e do meu
Urso.

Uma lagrima deixo air sobre a sua
epultura.

Alhares

Do into-anno de Direito

Enterro da Cabra

O curso do 5.º anno juridico, faz
saber que, em nome da Zaragata, se
decretou, para valer como lei, o se-
guinte:

1.º No proximo dia 17, realisar-
se-hão os funeraes do grande estafer-
mo que em vida nos codilhava tanto
quanto podia e que dava pelo nome
de Cabra.

2.º O cortejo funebre deve ser
organizado de maneira a pôr-se em
marcha ás 2 horas da tarde.

3.º O itinerario será: Porta Fer-
rea, S. João, Arco do Bispo, Couraça
dos Apostolos, R. da Esperança, R. dos
Coutinhos, Sé Velha, R. do Correio,
Couraça da Estrella, Portagem, Cal-
çada, R. Visconde da Luz, Praça 8 de
Maio, Avenida Sá da Bandeira, Largo
da Republica, R. Alexandre Herculano,
Lyceu, Largo da Feira.

4.º Todas as entidades que dese-
jem tomar parte nos funeraes, devem
encorporar-se no cortejo pela ordem
da sua chegada á Porta-Ferreira.

5.º Abrirá o cortejo o carro de
honra acompanhado pela philarmoni-
ca do Xico Menano.

6.º No Largo da Feira, os carros
que se encorporarem no cortejo, col-
locar-se-hão em linha, com a frente

p'ró Favas, tendo o carro d'honra de
ficar ao meio para que a elle possa
ascender o sublime e excentrico ora-
dor que é Chataubriand Baracho, para
proferir a descompostura empolada e
pinderica da Parca terrivel e funesta.

7.º e ultimo. Em seguida deslisará
o cortejo marchando cada um para
sua casa, p'ró concheço terno e meigo
de sua mulher e seus filhos. *

E para se tornar conhecido se
mandou imprimir, publicar e correr.

Dado nos paços do altissimo e
pantagruelico governo da Zaragata,
aos quinze dias do mez de Novembro
do anno do nascimento de nosso Sr.
Antonio José d'Almeida.

O ministro da piada,

Alberto Elias

OFFERTAS

A alma chorada e penada de chi-
charro da nossa muito infeliz cabra,
terá acompanhál-a para a mansão ce-
lestial offerendas ricas e apreciadas
das primeiras pessôas da finisea e fi-
nissima elite rescendendo a perfumes
e póz d'arroz.

O nosso grande e nunca assaz fal-
lado o Sal do Chiado offerece uma
caixa de beijos nacarados e deliciosos.

O mano Sousa, o pai Breselim, co-
nhecem não é verdade? para não per-
der o *habito*, porque burro velho não
aprende linguas, offerecerá com laus-
perenatica dedicatoria uma seraphica
e untuosa tocha.

O Orlando furioso invencivel dará
um pouquinho da sua pelluda e fron-
dosa guedelha.

O pópó freiratico e pimponesco da-
rá o *rabeco* mavioso e chic para a mu-
sica infernal do Menano.

Para o sumptuoso museu artistico
da cabra o grandissimo *Alliança* dará
o seu inconfundivel e azul *lealismo*.

O Biegas, olhando por um oculo o
trabalho collossal e *prospero* da Repu-
blica, offerecerá a vitima insigne dos
fundibularios democraticos, por medi-
da higienica, uma toalha e um bidet
com um sabonete da casa "Claus e
Saul."

O Alberto Monsaraz, dengoso e lam-
bido, dará comovidamente a prova da
mais profunda saudade offerecendo as
fitas da faculdade do amor que já
conquistou a immortalidade, besga e
desdentada da bocca em O'.

Fel-gu-eiras offerece as perninhas
porque os instrumentos já estão prom-
ptos.

O poeta França — um *fraskito de*
kola.

Teixeira d'Abreu — manda-lhe a
pera, do Brazil.

J. Luiz d'Almeida — duas galli-
nhas das quatro que lhe raptaram do
mui augusto parlamento.

Meninas do lyceu — um tomate.

O grande Pol II — o inconfundivel
e laureado sr. Mesquita, offerece a
mortalha.

E mais não disse.

